



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6781 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 19 - Educação Matemática

NOTAS SOBRE AS AUSÊNCIAS DA/NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR DE MATEMÁTICA

Júlio César Augusto do Valle - USP- Universidade de São Paulo

NOTAS SOBRE AS AUSÊNCIAS DA/NA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR DE MATEMÁTICA

Introdução

Conforme outros trabalhos têm discutido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), enquanto política curricular nacional, se constitui como resultado de um processo amplamente antidemocrático, que desconsiderou as contribuições críticas de diferentes setores da sociedade. Foram negligenciados, inclusive, os apontamentos feitos por pesquisadoras e pesquisadores das universidades e associações educacionais, tais como a Sociedade Brasileira de Educação Matemática (SBEM), que coassinou diferentes ofícios encaminhados aos seus elaboradores e representantes no Ministério da Educação pela Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e Associação Brasileira de Currículo (ABdC), todos ignorados (AUTOR, 2020).

Por esse e outros motivos, diferentes autores em Dourado & Aguiar (2018) afirmam que a Base que temos está na contramão do Plano Nacional de Educação (PNE, 2014-2024). Produto de decisões amplamente frágeis, questionáveis e desconectadas de movimentos de efetiva escuta dos educadores e das educadoras de todo o país, como descrito em trabalhos anteriores (AUTOR & MORAIS, 2019; AUTOR, 2020), a Base brasileira tem gerado intensos debates no campo do currículo e, em particular, dos currículos de matemática (BIGODE, 2019).

Inserindo-nos neste território de intensos debates sobre a política curricular nacional e sobre as formas como a matemática escolar tem sido pensado nesse contexto, propomo-nos, neste trabalho, a reunir e discutir os resultados de pesquisas-práticas-políticas capazes de subsidiar uma leitura crítica sobre a Base de Matemática.

Fundamentação e orientação metodológica

Orientamo-nos pela Sociologia das Ausências de Santos (2020, p. 28), compreendendo “que muito do que não existe em nossa realidade é produzido ativamente como não existente, e por isso a armadilha maior para nós é reduzir a realidade ao que existe”. Posicionando-nos em diametral oposição às ausências construídas, representantes dessa “racionalidade preguiçosa, que realmente produz como ausente muita realidade que poderia estar presente” (SANTOS, 2007, p. 20), dedicamo-nos à crítica do modo como as políticas curriculares oficiais têm sistematicamente invisibilizado, construindo como ausentes, os currículos *pensados/praticados* (OLIVEIRA, 2013), propostas curriculares que lograram êxito respeitando a autonomia docente e das escolas, as práticas cotidianas emancipatórias. Insistimos, como faz a pesquisadora Gomes (2017, p. 61) na necessidade do “exercício de construção epistemológica de uma *pedagogia das ausências e das emergências* como possibilidade de abrir espaço para novas racionalidades, reflexões e inquietações educacionais, sobretudo na escola”

Desenvolvimento

Para isso, recorreremos à produção científica tanto no campo dos currículos como também propriamente à produção oriunda das investigações sobre currículos de matemática, enredadas pela Sociologia das Ausências de Santos (2007). Em relação aos primeiros, valemo-nos das contribuições, em especial, da pesquisadora Oliveira (2013), que nos informa sobre modos de compreender os currículos praticados a partir da invisibilidade que lhes é atribuída/imposta pelos processos de prescrição curricular.

Em relação à produção oriunda das investigações sobre currículos de matemática, valemo-nos das perspectivas expressas por Pires (2008), Pires & Silva (2011) e Bigode (2019), que nos informam sobre o estado dos currículos de matemática desde o contexto das reformas educacionais brasileiras da primeira metade do século passado até o contexto da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017). Em maior medida, nos apoiamos nos referenciais de Oliveira (2013) e outras produções convergentes – problematizar a ideia de que currículo seja algo do âmbito da “implementação”, como se fosse possível e desejável ver instaurada uma certa prática prescritiva, qualquer que seja sua natureza. Os autores nos provocam, assim, à busca de práticas-políticas curriculares de matemática capazes de acolher, criticamente, o tempo e a ação dos atores locais que compõem as escolas, os praticantes do currículo.

Conforme temos argumentado,

A Base, cujo processo de formulação desprezou sem hesitar quaisquer contribuições dissonantes ao modelo que já era esperado como produto, reflete interesses hegemônicos, inclusive como resposta às demandas da política econômica global, que se impõem na disputa de projetos societários para o país, como já lemos, a partir da agenda de grupos que foram privilegiados como interlocutores dessa formulação. (AUTOR, 2020, p. 26).

Tais projetos societários, por sua vez, têm invisibilizado sistematicamente outras formas de fazer/pensar a matemática escolar, negligenciando contribuições significativas das pesquisas em Sociologia da Matemática, em Educação Matemática Crítica, em História e historiografia crítica da Matemática e também da Etnomatemática, apenas para mencionar algumas das linhas de pesquisa marginalizadas pela política curricular nacional. Por esse motivo, dedicamo-nos, neste trabalho, a identificar e discutir algumas das ausências, inexistências produzidas ativamente pela BNCC.

Considerações finais

Embora seus defensores afirmem a necessidade de discutir, em matemática, projetos que abordem questões de urgência social ou de reconhecer a matemática como conhecimento humano, sociocultural, não há, no detalhamento das habilidades da Base, em qualquer dos segmentos, quaisquer referências às maneiras como se espera realizar esse trabalho ou às linhas de pesquisa que têm endereçado tais questões no contexto da Educação Matemática.

Isso significa que outros modos de compreender, representar, interagir e intervir no/com o mundo, utilizando o que se convencionou chamar de conhecimento matemático, compõem sistemas complexos que, sob a perspectiva da Etnomatemática que adotamos, “incluem, invariavelmente, em todos os tempos e lugares no mundo, estratégias de observação, de comparação, de classificação, de avaliação, de quantificação, de mensuração, representação, inferência e comunicação”, conforme elucidada D’Ambrosio (2020, p. 7, tradução nossa). Tais sistemas de conhecimentos complexos têm sido sistematicamente invisibilizados e eliminados do debate público curricular e reconhecê-lo pode subsidiar movimentos de resistência e de enfrentamento às lógicas que hierarquizam saberes e culturas no campo curricular.

Palavras-chave: Política curricular. Currículo de matemática. Educação Matemática. BNCC.

REFERÊNCIAS

- BIGODE, Antonio José Lopes. Base, que base? O caso da matemática. *In: CÁSSIO, Fernando; CATELLI JR., Roberto. (orgs.). Educação é a Base? 23 educadores discutem a BNCC.* São Paulo: Ação Educativa, 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC).* 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>>. Último acesso em 03 Fev. 2020.
- D’AMBROSIO, Ubiratan. Ethnomathematics: past and future. *Revemop*, v. 2, 2020, p. 1-14.
- DOURADO, Luiz Fernandes; AGUIAR, Márcia Ângela (orgs.). *A BNCC na contramão do PNE 2014-2014: avaliação e perspectivas.* Recife: ANPAE, 2018.
- GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.* Petrópolis: Vozes, 2017.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa. Contribuições de Boaventura de Sousa Santos para a reflexão curricular: princípios emancipatórios e currículos pensadospraticados. *Revista e-curriculum*, v. 8, n.2, 2013, p. 1-19.
- PIRES, Célia Maria Carolino. Educação Matemática e sua Influência no Processo de Organização e Desenvolvimento Curricular no Brasil. *Bolema*, v. 21, n. 29, 2008, p. 13-42.
- PIRES, Célia Maria Carolino; SILVA, Márcio Antonio. Desenvolvimento curricular em Matemática no Brasil: trajetórias e desafios. *Quadrante*, v. XX, n. 2, 2011, p. 57-81.
- SANTOS, Boaventura Sousa. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social.* São Paulo: Boitempo, 2007.
- _____. *A cruel pedagogia do vírus.* Coimbra: Almedina, 2020.

AUTOR, 2020.

